

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 6 - A difícil reconstrução

Esdras caps. 9 e 10

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Temos mais uma oportunidade para continuar avançando em nosso estudo bíblico a respeito da restauração de Israel como nação, após o exílio babilônio. Estamos agora chegando ao final do livro de Esdras, com os seus capítulos 9 e 10.

Como temos visto, cada etapa desse longo processo de restauração da nação tem suas peculiaridades e desafios próprios. A situação que nos é apresentada nos dois capítulos finais de Esdras talvez seja a mais difícil de todas. Sem dúvida, sob a perspectiva do nosso tempo e do nosso entendimento, a ação restauradora aqui apresentada beira o inaceitável. Como é possível, em nome de Deus, desfazer famílias, enxotar de casa mulheres e filhos sem se preocupar com o que venha a ocorrer a eles? Creio que não convém julgar pesadamente nem precipitadamente, fazendo uso apenas dos referenciais da nossa época, distanciados que estamos daquela situação por 2.500 anos. Convém, sim, como sempre, entender o contexto dos acontecimentos e compreender do que realmente se tratava.

Esdras, o escriba versado na lei de Moisés, imbuído da responsabilidade de cumprir e ensinar tal lei a Israel, chega a Jerusalém e o que descobre? Descobre que um aspecto da lei estava sendo absolutamente negligenciado: a proibição do casamento com pessoas de outras raças. Diríamos em uma linguagem nossa que era o problema do casamento misto, quando alguém sendo seguidor de uma religião, como crente evangélico no nosso contexto, resolve se casar com alguém que não segue os mesmos preceitos de fé. O problema era sério, porque [1] a ordenança divina era rigorosa quanto à pureza racial. Foram

estabelecidos em vista da entrada do povo em Canaã, como uma prevenção contra a assimilação pelos judeus dos cultos a deuses autóctones. Esdras na sua oração de penitência lembra-se dessa proibição e seu contexto (9.11-12). [2] o descumprimento dessa determinação não era um problema restrito às margens da sociedade: eram os sacerdotes e levitas que estavam se casando e dando suas filhas em casamento com os não-judeus (9.1). E, [3] essa desobediência incomodava a liderança judaica em Jerusalém (9.1), que vai a Esdras, como que pedindo suas providências.

A reação de Esdras ao que lhe é comunicado nos apresenta o mais bem acabado retrato que podemos ter desse personagem bíblico. Eis o que ele mesmo diz: **“Ouvindo eu tal coisa, rasguei as minhas vestes e o meu manto, e arranquei os cabelos da minha cabeça e da barba, e me assentei atônito.”** (9.3). Quanta coisa a respeito de Esdras essa atitude nos mostra: Além de demonstrar ser do tipo mais introspectivo, ele toma para si a carga do erro do povo. Penso que foi surpreendido pela gravidade e extensão do problema que encontrou e o internaliza. Se ele se imbuíu da missão de cumprir e ensinar a lei do Senhor, e ela estava sendo tão displicentemente descumprida, ele estava falhando na sua responsabilidade. Então, não era um problema apenas dos que estavam desobedecendo. Era um problema também de Esdras. Encontramos nos profetas do Velho Testamento essa atitude de assumir o pecado coletivo. Isaías (Is. 59.12), Jeremias (Jr.14.7), Ezequiel (Ez.33.10), Miquéias (M1. 7.19) e o salmista (Sl. 65.3/ 106.6) assumem e choram o pecado do povo. Não significa

que algum deles, e especificamente Esdras tenham cometido o pecado que reconhecem. Significa que sentem responsabilidade pelo pecado e estão almejando saná-lo.

A reação instintiva e incomum de Esdras ao receber a notícia deixa o povo sem saber o que fazer. Lá está o líder religioso recém-chegado, aquele que vem como o mais capacitado para ensinar o que é certo e restaurar a tradição espiritual da nação. Lá está esse homem, sentado no chão, com suas vestes rasgadas e sua barba e seus cabelos arrancados. Diferentemente dos amigos de Jó, que ficaram mudos diante dele por 7 dias e noites, essa situação de perplexidade em Jerusalém dura algumas horas, no máximo, pois Esdras, como bom cumpridor da lei observa o tempo apropriado para adoração, e ao chegar o momento do sacrifício da tarde, se levanta e ora a Deus. (9.6-15)

Esse episódio de Esdras em Jerusalém é o que se pode chamar de liderança pelo exemplo. Esdras não discursa contra o erro. Não conclama a um arrependimento. Não pede qualquer ação. Apenas se humilha e apresenta a Deus o problema. A sua atitude produz resultado imediato. Enquanto ainda ora o povo vai se apercebendo da gravidade da situação e o exemplo de lamentação e clamor por perdão de Esdras vai se espalhando por todo o ajuntamento, quantificado como **“mui grande congregação”** (10.1) Atitudes efetivas surgem, a partir da iniciativa de certo Secanías, que toma a palavra e igualmente assume responsabilidade pelo erro. Tudo indica que Secanías não era um dos que estavam no erro, mas, como Esdras, assume o pecado como parte da coletividade.

Um pregão é anunciado por toda Judá para um novo ajuntamento onde se firma o compromisso com o fim dos casamentos mistos, dando-se o tempo necessário para que os procedimentos de separação sejam cumpridos (10.14).

O processo todo é concluído no dia primeiro do primeiro mês (10.17). Lembrem-se que esse é o mesmo dia que Esdras, na Babilônia, iniciava a viagem de retorno, entendendo-se assim que um ano decorreu desde o início da volta até se completar a correção do pecado dos casamentos mistos.

Ficamos ainda com a nossa inquietação a respeito dessas medidas corretivas e do seu impacto na vida dos que foram por elas atingidos, as mulheres e os filhos dos casamentos desfeitos. Não é esse o objetivo do texto, por isso nada se menciona a respeito deles. No entanto, o tempo e a forma determinados para que tais casamentos fossem terminados nos indicam o cumprimento de procedimentos formais de divórcio, o que poderia nos levar a pensar em condições justas de separação. No entanto, o texto é escrito do ponto de vista da história de Israel e da sua restauração, nessa quadra em que há o esforço por reorganizar-se como sociedade com identidade própria. Em todo o relato nos surpreende a pequenez das estatísticas envolvidas. São por exemplo listados não mais que 110 casamentos mistos desfeitos (10.18-43). O povo era diminuto e a preservação de sua integridade e pureza eram assim condições indispensáveis da restauração.

Cumprida mais esta etapa do nosso estudo, na próxima oportunidade passaremos para o livro de Neemias, continuando essa jornada da restauração de Israel. Que Deus nos abençoe.